

O cuidado com a diferença

Marisa Faermann Eizirik*

A partir de um posicionamento conceitual em torno da questão da "diferença", tratada como categoria filosófica e como atitude frente ao outro, explora-se essa dimensão em sua riqueza, dificuldade e contradição, apresentando uma breve revisão de aspectos relacionados, tais como a incerteza, a complexidade, o estranho, o cuidado. Dando ênfase a este último, desenvolve-se o pressuposto do necessário diálogo com "o outro", com a alteridade e as relações com a verdade, as separações e as formas de exclusão. Busca-se - ao destacar a necessidade de tomar consciência da existência de outras formas de existir, modos de ver, atitudes e práticas diferenciadas, capacidades insuspeitas - a intensificação de práticas inclusivas que possam acolher o estranho e a transitoriedade, enfrentar o medo e a dor que se apresentam com a alteridade e, assim, potencializando o cuidado com a diferença, e adquirir possibilidades insuspeitadas de aprendizagens.

Palavras-chave: Diferença. Cuidado. Incerteza. Complexidade.

* Psicóloga, professora, pesquisadora, Doutora em Educação/UFRGS.

I. Os desafios da diferença

Vivemos os paradoxos e contradições de uma sociedade excludente que se propõe a uma educação inclusiva. O que fazer diante desse desafio? Como enfrentar a estranheza, o espanto, e mesmo o pânico, quando a escola se depara com o(s) sujeito(s) que se apresenta(m) fora da ordem? Quem define o sujeito da ordem? Qual é a ordem desse nosso tempo, de "líquida modernidade"?

Como podemos pensar esse convívio com o estranho, com a alteridade, num mundo complexo, em que a universalidade supõe uma ruptura, um engajamento, uma aposta, um risco? Para pensá-lo, começarei examinando uma categoria filosófica que carrega em si a divisão e a alteridade: a diferença¹.

Sabemos que a diferença faz crescer, é uma oportunidade de sair dos limites, do conhecido, ultrapassar fronteiras, exercer outros olhares, experimentar novas experiências, mesmo quando essas possibilidades e esses impedimentos são constituintes de nossa humana natureza.

Esse não é um exercício fascinante apenas, pois a vida com o outro é difícil, e sem o outro é impossível. Convívio inquietante e perturbador com a alteridade, com nossa própria divisão, com o mal-estar da estranheza, o horror e a angústia de nos enfrentarmos com o que está escondido, o secreto, a sombra. Estranhos em nós mesmos, duplos e secretos, tão bem analisados por Freud em O estranho (unheimlich)², em que propõe uma forma para explicar a experiência de desorientação, a inquietante estranheza frente ao que somos, ao que acreditamos ser, ao que nos ameaça desde o mais secreto e escondido de nós mesmos.

Nas palavras de Kristeva³: Estranha, também, essa experiência do abismo entre mim e o outro que me choca - nem mesmo o percebo, ele me anula porque talvez o nego. Diante do estrangeiro que recuso e ao qual me identifico ao mesmo tempo, perco os meus limites, não tenho mais continente, as lembranças das experiências em que me haviam deixado cair me submergem, descontrolo-me. Sinto-me "perdida", "vaga", "enevoada". Múltiplas são as variantes do sobrenatural encontro com o outro): todas reiteram a minha dificuldade em me colocar em relação ao outro e refazem o trajeto de identificação-projeção que jaz no fundamento de meu acesso à autonomia.

Uma das rupturas mais importantes que balança nosso mundo contemporâneo se refere à revolta em relação ao desejo de universal, aos universais englobantes, deterministas, reducionistas, instalados e fechados. Vivemos a complexidade do singular. Vivemos o desafio da diferença, que provoca desarranjos, rupturas, desordens, deslocamentos, revoluções. Revoluções são atos de movimento que não se dão no vazio, nem acontecem sem luta, sem resistência, sem jogo de oposições.⁴

É importante definir o conceito de desordem, que não é uma noção simétrica da ordem. Compreende a idéias de álea, contendo também, as idéias de agitação ou de dispersão e quando se trata de um ser vivo. as idéias de ruído e de erro. É a desordem que permite a imprevisão, a

indeterminação, desvios e flutuações, abrindo o espaço para a transformação. Nesse aspecto, Morin⁵ chama a atenção para a necessidade de proteger o desvio, apesar das forças institucionais o reprimirem a todo o custo. Acredita ser necessário tolerar e favorecer os desvios no seio dos programas e instituições, a fim de criar um campo intelectual aberto, onde se debatem e se combatem teorias e visões de mundo.

Proteger o desvio é uma palavra de ordem para a educação. Lidar com a diferença é, cuidar dela, aprender com ela. Isso significa fazer rupturas e transformações radicais, das quais conhecemos muitas vezes os perigos, os medos, e nem sempre sabemos qual seu curso e seus efeitos. Trata-se da lógica sinfônica do inesperado, da surpresa, onde a incerteza é um ingrediente básico para dialogar com o mistério do mundo; conviver com a pluralidade, ampliar a visão de mundo, de sociedade, de sujeito, vem necessariamente acompanhada de ousadia, humildade e coragem que, penetrando na ordem das relações, provocam deslocamentos para novos núcleos de sentido, buscam emergências de outras ordens, onde o risco e a aventura são companheiros efetivos.

Quais os elementos que podemos extrair para focar a questão da diferença?

- reafirmação da finitude constitutiva da vida.
- necessidade de conviver com a alteridade e os abalos inevitáveis no autoconhecimento e na auto-estima.
- exercício da sensibilidade, o desenvolvimento da escuta e o acolhimento à pluralidade
- experiência de olhar a diversidade do mundo com diferentes lentes, enfrentando suas contradições e paradoxos.
- abalo narcisista que significa a ruptura da imagem idealizada, e a necessidade de reformulá-la, trazendo em seu bojo simbólicas formas de nascer e de morrer.

Não será o narcisismo a fragilidade para aceitar a diferença?

Pensar a diferença é pensar em mudança e ambas carecem de algo que as suporte, que as conduza e mantenha no sentido de viabilização; esse algo é a flexibilidade, entendida por Bateson⁷ como «uma potencialidade para a mudança que não está sendo utilizada». Outro fator essencial é a liberdade, para permitir a distribuição da flexibilidade, e as aprendizagens decorrentes desse processo. As mudanças não ocorrem sem uma flexibilização do sistema de idéias, que combate aquelas que se tornaram inflexíveis, movidas pela repetição, pela generalização, que se tornaram hábitos de pensar e de conceber o mundo, reiteradas pela frequência do uso, pela familiaridade, rigidificadas pela aceitação social.

Imerso em contradições, “nosso” mundo ao mesmo tempo se revolta e se recusa ao fechado, ao dogmático, ao instalado, não gosta da revolta nem da crítica., pede a cada um para adaptar-se, está submetido à comunicação, às imagens. Diz Badiou⁸ : É um mundo rápido e sem memória, em que as opiniões são frágeis e extremamente móveis. A única universalidade que conhece é a do dinheiro. Cada um defende sua particularidade. É um mundo obcecado pela segurança... onde é preciso calcular e proteger o seu futuro. É o mundo da carreira e da repetição. Um mundo onde o acaso é perigoso. Um mundo onde não devemos nos abandonar nos encontros.

Podemos praticar alguma forma de resistência “nesse” mundo?

Ao desenvolver algumas idéias acerca das formas de pensar e conceber o mundo de forma diferente, ou os riscos dessa aventura acredito, como Campbell⁹ , que “todos estamos procurando uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida... tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos...” Como realizar essa procura?

II. Incerteza e complexidade

Há a necessidade de abrir o pensamento para uma complexidade do real, considerando as noções de ordem e desordem, acaso e necessidade nos seus caracteres simultaneamente antagônicos e complementares. Abre-se a experiência para o incerto, o impreciso, o indeterminado, o complexo.

Para Morin¹⁰ , as disciplinas separadas fragmentam o objeto do conhecimento complexo, conhecimento este que fica aprisionado, na medida em que não se comunica, não se inter-relaciona, nem por complementaridade ou por oposição. A lei natural da causalidade dos fenômenos encontra-se, na contemporaneidade, abalada pela necessidade e pela contingência. O princípio da causalidade subverte-se, por que agora sabemos que as mesmas causas podem produzir efeitos diferentes e causas diferentes podem produzir o mesmo efeito.

A inquietude se dirige ao combate da volúntia pela certeza, pela determinação, pela posse da

A inquietude se dirige ao combate da velária pela certeza, pela determinação, pela posse da verdade, pelo apego às disjunções e separações dos saberes, pela rotulação, pelo medo de embarcar no novo, pelo desconforto que traz o convívio com a diferença.

Assistimos, nos séculos XX e XXI a mudanças nas concepções mais arraigadas, rompendo com o eterno e universal e instalando o relativo, o fragmentário, o provisório, o incerto. Partindo das descobertas da física, com as idéias que garantiam a ordem e a estabilidade do mundo, a teoria da relatividade de Einstein, o estudo da estrutura do átomo por Bohr e o princípio da indeterminação de Heisenberg provocaram um rombo no paradigma da ciência moderna, na medida em que produziram um golpe no princípio da medição para comprovar a verdade. Rompem assim com eternidade e absoluto¹¹.

O tempo e o espaço entram na ciência, e com eles o princípio da incerteza. Os avanços na microfísica, na química, na biologia se espalharam pelos mais diferentes domínios do conhecimento. A complexidade impôs-se a todos os níveis dos fenômenos estudados, e não só ao nível dos fenômenos humanos.

O que dizer da incerteza? A incerteza tem seu fundamento na formulação de Niels Bohr "o contrário de uma verdade profunda é uma outra verdade profunda". Bohr um dos pais da física do século XX, escreveu sobre a constituição dos átomos e das moléculas, e examinando o espectro do átomo, pôde explicar a liberação de energia por parte do elétron, cada vez que ele saltasse de órbita, emitindo um quantum de luz. Entrara no mundo interior do átomo, que apesar de ser invisível, tinha uma janela para ser olhada, o seu espectro.¹²

A negociação com a incerteza se dá na impregnação e absorção das discussões teóricas que estão ocorrendo em vários campos do saber. O princípio da Incerteza torna-se um sólido princípio do dia a dia. Não podemos pedir ao mundo para ser exato. No ato do conhecimento entra um julgamento, uma área de tolerância ou de incerteza. Vamos nos aproximando aos poucos. Não há conhecimento absoluto.

O aporte que o princípio da incerteza nos traz é a abertura de caminhos para visões diferentes sobre ritmos, talentos, possibilidades, potencialidades. Esse afrontamento da clareza conceitual exige uma postura frente a si mesmo, frente ao conhecimento e frente ao mundo que não deseja descobrir o seu segredo, como uma palavra-mestra, mas que seja capaz de dialogar com o mistério, e para isso, é fundamental:

- a manutenção da surpresa, da curiosidade, da interrogação;
- a presença da sombra e do indizível em tudo o que é dizível, que condiciona o que pode ser dito e tornado claro.
- a inseparabilidade e a progressão mútua entre a ignorância e o conhecimento.

O conhecimento deve negociar com a incerteza, numa dialógica, que incita ao pensamento complexo, pois só é real a conjunção da ordem e da desordem e o problema de todo o conhecimento é conceber essa conjunção, misturando-as, confrontando-as, considerando que a ordem é tão misteriosa quanto a desordem.

O campo real do conhecimento não é o objeto puro, mas o objeto visto, percebido e co-produzido por nós, como afirma Morin¹³ Somos parte/ produto e construtores/artífices do mundo em que vivemos, onde a desordem permite a não predição, a indeterminação, desvios e flutuações, abrindo o espaço para a transformação, para a criação de um campo intelectual aberto, onde se debatem teorias e visões de mundo.

O grande inimigo da complexidade não é a simplificação, mas a mutilação, redutora, disjuntora. É preciso dialogar com o mistério do mundo. Precisamos de um princípio de conhecimento que não somente respeite, mas também revele, o mistério das coisas¹⁴, ensina Morin ao falar sobre a complexidade. Falar de complexidade é afastar a explicação simples, a simples causalidade, os maniqueísmos e dualismos que contaminam nossa forma de olhar para os outros e para o mundo.

Nosso tempo nos coloca frente a exigências de múltiplas ordens, testa nossa capacidade de suportar a distensão e nos empurra em direção a renovadas e insuspeitadas possibilidades de lidar com as dificuldades que estão batendo à porta da escola nesse momento em que a inclusão é uma realidade.

O que fazer com essa sensação de desconforto em face da dissolução do solo que nos assegurava o conhecimento, da certeza que dava conta das verdades, dos modelos que nos diziam como agir, das condutas que eram passadas através das gerações?

As dificuldades parecem residir exatamente onde se fazem necessárias a tolerância, a expansividade da liberdade, a abertura para as invasões do novo, a vertigem que isso provoca,

produzindo experiências que rompem com a norma e introduzem o não sabido, o impensado, o que ainda não tem registro.

Essa radicalidade precisa de cuidado.

III. Cuidado

A noção de cuidado é ambígua, podendo ser tanto a atenção, o desvelo e a solicitude, que dedicamos a uma tarefa, a uma pessoa, como a ansiedade e a preocupação¹⁵ que nos assaltam e torturam. Cuidado vem de cura (latim), também sendo encontrado como *Sorge* (alemão). *Curare*, *curae* em latim retoma o sentido grego das *Kurion*, que são as coisas de importância primordial, as *Kuriotata*, as mais sérias¹⁶. Aqueles que devem decidir pelos outros, os governantes, tem o "cura", a responsabilidade prática. Curiosidade, filha do cura, a surpresa seguida da pesquisa das causas e dos princípios, e que fixa o homem à sua natureza como alguém desejante naturalmente de saber.

Dos pré-socráticos a Sócrates e Platão houve um deslocamento da *physis* para o *ethos*, uma palavra polissêmica, que consiste fundamentalmente na possibilidade de pensar de outra maneira. O *ethos* é um lugar no qual se está implicado e do qual se fala. *Ethos* é o lugar constituído pelo hábito que define o modo de ser, o comportamento de cada um. É o esforço de enfrentamento de elaborações singulares. Ética é um esforço sobre a moral, do que é dado, do que se herda; é o espaço habitável do ser humano. A ética impõe a experiência de si mesmo.¹⁷

O cuidado, dentro dessa ética, é preocupar-se com o outro, mas também consigo, dirigindo o foco da atenção para o ser, distanciando-se do ter. O cuidado pressupõe um diálogo com "o outro", com a alteridade. Trata-se de tomar consciência da existência de outras formas de existir, modos de ver, atitudes e práticas diferenciadas, capacidades insuspeitas, possibilidades desconhecidas.

As disposições e normas inscritas na natureza humana só poderão se desenvolver na dimensão da existência concebida como uma prática, um agir onde somos autores que deliberamos, desejamos, agimos e justificamos nossas ações. Somos uma performance dada ao mundo. Queremos fazer diferença. Queremos inventar práticas responsáveis, que possam se distanciar das contínuas e repetitivas separações e exclusões que marcam a sociedade e as instituições. Dentro destas, as escolas: quais as mudanças que registramos no momento atual?

Apesar dos múltiplos deslocamentos que têm ocorrido, das leis e pareceres que sugerem a educação inclusiva, das normas coletivas às estratégias singulares, ainda é turbulento o cenário que se apresenta. Se antes a distância, os lugares separados, acenavam com uma certa tranquilidade, ainda que ilusória e perversa, nos paradigmas pedagógicos, hoje, a ruptura desses mesmos paradigmas normalizadores balançam com as certezas e pressionam para a invenção de dispositivos de inclusão.

IV. Verdade, separação e exclusão

A partir da separação de Deus (no início era o *logos*) se inicia, para a humanidade, o problema da verdade. Verdade é uma busca de sentido para poder operar sobre o mundo e as coisas.¹⁸

A concepção foucaultiana de verdade considera que ela é produzida social e coletivamente e acontece num campo histórico de possibilidades. A verdade é desse mundo. Cada sociedade tem seu regime de verdade. É o conjunto singular das relações que operam saberes e poderes de uma época, de uma disciplina. É dentro desses regimes de verdade que nos construímos, aprendemos as regras e os códigos de conduta, a distinguir o falso do verdadeiro, a separar o bem do mal¹⁹.

Nossas vidas e destinos não são determinados por alguns supostos fatos sobre nós mesmos como gênero, classe, etnia, idade e assim por diante. Esses fatos são relevantes, mas não determinantes. Mais importantes são as formas que escolhemos para nos comportar e as técnicas que tornam possíveis esses comportamentos.

Sabemos que não existe o fundo neutro do discurso, da razão ou da verdade. Existem lutas, confrontos entre sujeitos e verdades, disputas em torno dessas verdades. Precisamos estar alertas para as armadilhas conceituais e metodológicas, procurando fugir aos "tabelamentos²⁰" que costumam atormentar aqueles que ousam se deslocar dos limites protegidos pela norma, pelo estabelecido, pelo pressuposto da certeza.

O que distingue o pensamento, de acordo com Foucault, é que ele é toda outra coisa que o conjunto das representações que sustentam um comportamento; o pensamento é também outra coisa que as atitudes que podem determiná-lo. O pensamento não é o que habita uma conduta e lhe dá sentido; é muito mais o que permite fazer um recuo a tal ou qual maneira de fazer ou reagir, colocando-a como objeto do pensamento, e interrogando-a sobre seu sentido, suas condições e seus fins.. O pensamento é a liberdade em relação ao que se faz, o movimento pelo qual nos soltamos, constituindo-o como objeto e refletindo-o como problema²¹.

Ao analisar o princípio de separação, Foucault explica que, em seu movimento perpétuo de se reconduzir a seu próprio limite, se enraíza a noção do "intolerável". É esse "intolerável", que se quer escondido, separado, oculto, que está na base da separação, desde seu início.

A exclusão, para Michel Foucault²² é muito mais cultural do que social; é uma questão de civilização. Tratando primeiro do louco, depois do prisioneiro – grandes modelos de exclusão, Foucault estudou as formas estruturadas da experiência da segregação, da exclusão social, seus modos de transformação em diferentes níveis, no mundo da cultura e mostrou que, na sociedade ocidental, as exclusões são acumuladas, nunca vêm sozinhas, pois elas constituem uma separação original, um princípio estrutural que se instala na cultura e se desenvolve através do tempo, indefinidamente se reproduzindo, por formas as mais diversas do que apenas as da repetição.

A exclusão se faz através das instituições, dos regulamentos, dos saberes, das técnicas e dos dispositivos, como máquinas de fazer ver e de fazer falar. Foucault define os procedimentos de exclusão que, em nossa cultura, atravessam os discursos: o interdito, o rejeitado, a vontade de verdade, os rituais, a organização do saber em disciplinas, os discursos autorizados, a educação.

Não é Bachelard que diz: pensar o real é aproveitar suas ambigüidades para modificar e alertar o pensamento? ou ainda: Conhecer-se-ão tanto melhor os laços do real quanto mais cerrado se fizer deles o tecido, se multiplicarem as relações, as funções, as interações?

Nessa construção do real, encontra-se instalada a noção de sobrenatural, analisa Kristeva²³, através da qual Freud introduz a rejeição fascinada do outro no coração desse "nós mesmos" seguro de si e opaco, que precisamente não existe mais desde Freud e que se revela como um estranho país de fronteiras e alteridades incessantemente construídas e desconstruídas.

Uma passagem extraordinária de Guimarães Rosa²⁴ ajuda a ilustrar a concretude do sobrenatural, enraizado no fundo de nós mesmos. Relata a história de um filho, um homem de tristes palavras, que fala do pai, um homem ordeiro, cumpridor, positivo e quieto, que certo dia mandou fazer para si uma canoa.

E esquecer não posso do dia em que a canoa ficou pronta(..) O pai se despediu sem palavras, sem nada levar. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida e longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.

V. O Cuidado com a diferença

Freud, em seu ensaio O estranho²⁵ nos faz percorrer a semântica dos termos heimlich, o familiar, e unheimlich, o estranho, em que mostra o encontro dos contrários. Ambos coincidem e se fundem, num mesmo nós, o conhecido que se tornou alheio, excluído da consciência, mas vibrante, habitante da experiência, núcleo de ditos e não ditos, fonte de inquietude, vivência do insuportável.

Morada de outras lógicas, habita o estranho outros mundos, percebe outras imagens, fala outras línguas, enxerga outras paisagens. Associado à angústia, o estranho não se confunde com ela, como destaca Kristeva²⁶ pois, para além da intensidade e da sobrecarga do ego, com a vivência do choque entre algo "muito bom" ou "muito ruim", pode se inscrever como abertura em direção ao novo, numa tentativa de adaptação ao que é incongruente.

Desse encontro, desse choque, desse desmoronamento de limites abre-se uma perspectiva face ao insólito, motor de identificação com o outro e, com isso, a oportunidade de elaboração de experiências que, recalçadas, conduzem a um empobrecimento mental.

No presente, com a fragmentação e a ruptura dos modelos dogmáticos e enrijecidos, do conhecimento universalizante e unívoco, da previsibilidade, da certeza, estamos diante de novas formas de construção de subjetividade.

A escola se vê diante do urgente desafio de incluir a todos os que estão fora dela ao mesmo tempo em que se encontra inserida em uma sociedade excludente. Como enfrentar a estranheza, o espanto, e mesmo o pânico, quando a escola se depara com o(s) sujeito(s) que se apresenta(m) fora da ordem?

Ao evitar a estranheza, a diferença, não estarão fadados a um sentimento de doloroso fastio do mundo, sentimento descrito por Freud²⁷, que acomete as pessoas perturbadas pelo medo do novo, do desconhecido? Sentem-se desamparadas, são presas do desalento, incapazes de buscar outras e renovadas formas de viver, ensinar, aprender.

Há um desconforto com esse estrangeiro que é ao mesmo tempo íntimo e secreto, duplo e opaco, destituído de forma, que inspira horror e que queremos ver fora, mas que retorna, constantemente, como fantasma, estranha presença do que nos é tão familiar e tão (in)visível.

Se pudéssemos acolher o estranho, dizer sim à transitoriedade – das coisas, da beleza, da vida –, enfrentar o medo e a dor que se apresentam com a alteridade, ou seja, potencializar o cuidado com a diferença, talvez pudéssemos experimentar a alegria do novo, o prazer do múltiplo, a afirmação da paixão por estar vivo, num combate ao sentimento de doloroso fastio do mundo.

Referências

- BADIOU, A. Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- BATESON, G. Pasos hacia una ecología de la mente: una aproximación revolucionaria a la autocomprensión del hombre. Buenos Aires: Planeta - Lohlé, 1991.
- BRONOWSKI, J. A escalada do homem. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- EIZIRIK, M.F. Por que a diferença incomoda tanto? In: EIZIRIK, M.F. Educação e escola: a aventura institucional. Porto Alegre: AGE, 2001. p. 37-57.
- EIZIRIK, M. F. Michel Foucault, um pensador do presente. Ijuí: Unijuí, 2005.
- ENGEL, P. - Qu'est-ce que la vérité? Paris, Science et Avenir, Paris, p. 32-37, dez.2002/jan.2003.
- FERRATER MORA, J. Dicionário de Filosofia. Madrid: Alianza, 1998.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FOUCAULT, Michel. Sécurité, territoire, population: introduction au cours de l'année 1978. Paris, Ed. du Seuil, 1989.
- FOUCAULT, Michel. Espacios diferentes (Des espaces autres) In: FOUCAULT, Michel. Estética, ética y hermenéutica. Barcelona. Paidós, 1999. v. 3, p. 431-441.
- FREUD, S. O estranho. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XVII, p. 273-314.
- FREUD, S. Sobre a transitoriedade In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XIV, p. 345-348.
- GUIMARÃES ROSA, J. A terceira margem do rio. In: GUIMARÃES ROSA, J. Primeiras histórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 32-38.
- HADOT, P. Histoire du souci. Magazine Littéraire, v. 345, p. 18-22, juillet-aôut 1996.
- KRISTEVA, J. Estrangeiros para nós mesmos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEBRUN, G. Por que ler Nietzsche hoje? In: LEBRUN, Gérard. Passeios ao Léu: ensaios. São Paulo, Brasiliense, 1983. p. 32-40.
- LYOTARD, J. F. La diferencia. Barcelona: Gedisa, 1988.
- MORIN, E. Autocrítica. Barcelona: Kairós, 1976 .
- MORIN, E. O problema epistemológico da complexidade. Lisboa: Europa/America, [19--].
- MORIN, E. Ciência com consciência. Lisboa: Europa/América, [19--].
- PRIGOGINE, I. Idéias contemporâneas: entrevistas do Le Monde. São Paulo; Atica, 1989.

Notas

- 1 LYOTARD, J. F. La Diferencia. Barcelona: Gedisa, 1988.
- 2 FREUD, S. O Estranho (1919), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, V. XVII: 273-314
- 3 KRISTEVA, J. Estrangeiros para nós mesmos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994:196.
- 4 PRIGOGINE, I. Idéias contemporâneas: Entrevistas do Le Monde. São Paulo, Ática, 1989.
- 5 MORIN, E. O problema epistemológico da complexidade. Lisboa, Europa/America, s/d.
- 6 EIZIRIK, M.F. Por que a diferença incomoda tanto? In. EIZIRIK, M.F. Educação e Escola: a aventura institucional. Porto Alegre: AGE, 2001: 37-57.
- 7 BATESON, G. Pasos hacia una ecología de la mente: Una aproximación revolucionaria a la autocomprensión del hombre. Buenos Aires: Planeta - Lohlé, 1991.
- 8 BADIOU, A Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002: 13.
- 9 CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990:5.
- 10 MORIN, E. Ciência com Consciência. Lisboa: Europa/América, s.d.
- 11 BRONOWSKI, J. A Escalada do Homem. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.334-367.
- 12 Idem. Op.cit.
- 13 MORIN, E . op.cit
- 14 MORIN, Edgar. Autocrítica. Barcelona: Editora Kairós, 1976: 21.
- 15 HADOT, P. Histoire du souci. Magazine Littéraire, 345: 18-22, juillet-aôut 1996.
- 16 FERRATER MORA, J. Dicionário de Filosofia. Madrid: Alianza Editorial, 1998:69.
- 17 EIZIRIK, M. F. Michel Foucault, um pensador do presente. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- 18 ENGEL, P. - Qu'est—ce que la vérité? Paris. Science et Avenir: 32-37. dec 02/jan 03. 2003.

- 18 ENOCEL, p. Questões que la venten Paris, Sciences et Humains 02 07, des 02, jan 05, 2005.
- 19 FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- 20 LEBRUN, Gérard Por que ler Nietzsche hoje? IN: LEBRUN, Gérard. Passeios ao Léu - Ensaios. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 32-40
- 21 FOUCAULT, Michel. Polémique, Politique et Problématisations (entretien avec Paul Rabinow, mai 1984) IN: Dits et Écrits. Paris, Gallimard, vol IV: 591-98,1994, p. 597
- 22 Ver EIZIRIK, M. F. Michel Foucault, um pensador do presente. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- 23 KRISTEVA, J. op. cit: p. 200.
- 24 GUIMARÃES ROSA, J. A terceira margem do rio. In GUIMARÃES ROSA, J Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988: 32-8.
- 25 FREUD, S. Op. cit
- 26 KRISTEVA, J. op.cit: 197.
- 27 FREUD, S. Sobre a transitoriedade. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976:, v.XIV: 345-348.

Correspondência

Marisa Faerman Eizirick - Rua Visconde do Rio Branco, 708 - 90.220-230 - Porto Alegre, RS.
E-mail: meizerik.ez@terra.com.br

Recebido em 02 de setembro de 2007

Aprovado em 06 de novembro de 2007

Edição anterior

Página inicial

Próxima edição

Cadernos :: edição: 2007 - Nº 30 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**